

Economia das religiões

Marcelo Neri

A análise da evolução do conjunto de variáveis socioeconômicas dos Censos Demográficos de 1991 e 2000, aí incluindo casamentos, fertilidade, ocupação, renda, moradia, acesso a bens de consumo, entre muitas outras, revela que nenhuma mudou tanto quanto as que se referem à composição religiosa da população brasileira. A taxa de participação dos católicos no país, que já vinha caindo desde os primeiros registros censitários brasileiros de 1872, cai a taxas aceleradas nos anos 1990.

O Censo é tradicionalmente a base de dados usada nos diversos estudos acerca da religiosidade do brasileiro, mas as estatísticas referentes ao Censo 2010 ainda não foram disponibilizadas pelo IBGE. Outro trabalho, de 2007, do Centro de Políticas Sociais (CPS) demonstrou a partir do processamento de microdados da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) de 2003, também produzida pelo IBGE, que pela primeira vez em mais de um século a proporção de católicos no Brasil parou de cair, mantendo-se surpreendentemente estável no primeiro quarto de década, com 73,79%, em 2003.

De lá para cá pouco se sabe em bases de representatividade nacional o que houve com o catolicismo no Brasil. Demonstramos a partir da nova POF a volta da queda do catolicismo no Brasil chegando a 68,4%, em 2009 (vide www.fgv.br/cps/religião). A queda

Foto: arquivo ABr

do catolicismo nos anos 1990 e nos últimos seis anos é dez vezes maior que o secular declínio ocorrido entre 1872 e 1970 de 1 ponto percentual por década, conforme ilustra o gráfico.

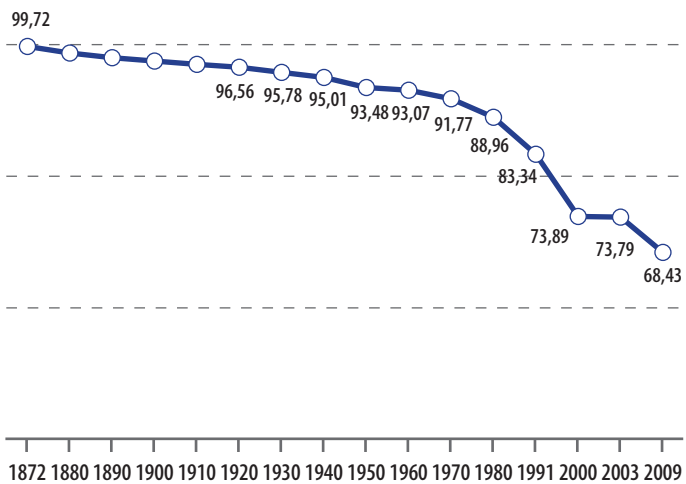
Os evangélicos, incluindo-se tanto os ramos tradicionais quanto pentecostais, seguem a sua trajetória de crescimento, passando de 16,2% para 17,9% nos primeiros anos desta década chegando a 20,2% em 2009. Os "sem religião", cuja participação caiu de 7,4%, em 2000, para 5,1%, em 2003, mas subiu para 6,72%, em 2009. Ou seja, a religiosidade não esteve em baixa no Brasil na alvorada do novo milênio e, além disso, houve diversificação das crenças alternativas na década passada. As religiões alternativas, que saíram de 2,6%, em 2000, para 3,2%, em 2003, sofreram particular incremento nos seis anos seguintes, chegando a 4,62%, em 2009.

Idade

A interrupção da queda católica entre 2000 e 2003 é visível nas séries para todos os grupos etários — as curvas desses anos, de tão sobrepostas, parecem idênticas. Agora, quando analisamos o que houve de lá para cá, ou seja, a evolução recente entre 2003 e 2009, observamos queda na proporção de católicos em todas as faixas etárias. Essa mudança foi menor para os grupos com idade mais avançada (a taxa cai de 77,53% para 74,24% para aquele acima de 60 anos), enquanto nas faixas mais jovens registra queda maior (a taxa cai de 75,22% para 67,49% de 15 a 19 anos de idade). Se voltarmos a 1991, os grupos jovens, como os de 15 a 19 anos (84,66%), eram mais católicos do que aqueles com idade superior a 60 anos (82,83%) — hoje, ocorre o oposto. Isto é, mesmo presente em todos os grupos, a queda do catolicismo é maior entre os jovens, o público-alvo da Jornada Mundial da Juventude em 2013, no Rio de Janeiro.

As mulheres, mais religiosas do que os homens desde

Brasil: participação de católicos na população (%)



Fonte: CPS/FGV a partir do processamento de dados publicados e microdados do IBGE.

A queda recente do catolicismo é dez vezes maior que o secular declínio ocorrido entre 1872 e 1970 de um ponto percentual por década

O declínio do catolicismo é maior entre os jovens, o público-alvo da Jornada Mundial da Juventude, em 2013, no Rio

que o mundo é mundo e o Brasil é Brasil: 5% delas não professam nenhuma religião, contra 8,52% deles. Mas hoje elas são menos católicas que eles: entre os que possuem religião a proporção de católicos é 75,3% neles e 71,3% nelas. Em um grupo das 25 principais religiões, a predominância relativa das mulheres se dá em 23 delas, segundo a POF 2009. As exceções são dois segmentos do catolicismo.

Enquanto os homens abandonaram as crenças, as mulheres trocaram de crença, preservando mais que eles a religiosidade. O catolicismo é patriarcal, já a religiosidade é mais feminina que masculina, sendo passada da mãe às filhas e aos filhos. As gestantes são menos católicas que as demais mulheres. Talvez por isso, como vimos, a infância e a juventude brasileira de hoje, retrato do futuro, sejam menos católicas que as demais faixas etárias.

Classes

Olhando as classes econômicas mais importantes nas diferentes denominações religiosas desagregadas. Senão vejamos: entre os sem religião, a classe E sobressai como a mais importante de todas as demais (7,72% dos pobres não possuem religião), seguida do topo da distribuição da classe AB (6,91%). Entre os católicos apostólicos romanos os pontos mais altos também estão nos extremos da distribuição de renda, sendo 72,37% dos pobres e 68,58% na classe AB. A classe econômica mais importante para a segunda denominação, a dos integrantes da Assembleia de Deus pertencente aos evangélicos pentecostais, é a classe D (8,09%), seguida dos pobres. Já a denominação batista pertencente às evangélicas tradicionais ou de missão estão mais concentradas na nova classe média, a C (3,51%), e na classe AB (2,66%), diminuindo nos níveis mais baixos de renda. Finalmente, a taxa de adesão à religião espírita sobe monotonicamente com a renda (de 0,31%, na classe E, para 5,25%, na AB, correspondendo à segunda corrente religiosa isolada nessa faixa econômica).

Menos da metade da população fluminense se diz católica (49,83%), a penúltima unidade da federação (UF) apenas atrás de Roraima. Piauí era das 27 unidades a mais católica: 87,93% de sua população. O estado do Rio de Janeiro é o segundo no ranking da menor religiosidade, com apenas 15,95% de sua população sem religião. Piauí ocupa o topo do ranking da religiosidade e Roraima mais uma vez o extremo oposto.

O estado com a maior participação de evangélicos pentecostais é o Acre (24,18%) e nas demais denominações evangélicas que inclui as tradicionais o líder é o Espírito Santo (15,09%). O estado do Rio de Janeiro é recordista em religiões espíritas (3,37%) e também nas afro-brasileiras (1,61%), segundo (0,69%) nas religiões orientais, logo depois de São Paulo (0,78%), e terceiro no conjunto das demais religiões (3,62%), após Pernambuco (4,25%) e Roraima (6,17%).

Independentemente do credo, qual é a importância da religiosidade no Brasil *vis-à-vis* outras nações? Em termos de religiosidade ativa, o Brasil está exatamente no meio do ranking global de 156 países, com 50% de

sua população frequentando cultos religiosos de qualquer credo. Não existe correlação entre frequência a cultos religiosos e nível de renda.

Ainda na comparação das nações, o Brasil está em 60º lugar com 89% de sua população concordando que religião é importante. Note-se que o Brasil está no grupo de países do sul, em geral de renda mais baixa, como África, Sudeste Asiático e vizinhos latino-americanos (fora Argentina, Chile, Equador e Uruguai). Em suma, em países mais pobres, a religião parece mais fundamental.

A exemplo da assiduidade aos cultos, a importância dada à religião no Brasil também é maior para mulheres (93%) do que para homens (85%). Assim como para pessoas de idade mais avançada (91% das acima de 50 anos) do que para jovens (83% dos entre 15 e 24 anos). Esses dois dados refletem o fato de que os grupos mais adeptos a religiões como mulheres e idosos, também conferem maior importância a essas atividades, assim como são mais assíduos nas cerimônias religiosas.

BRICs e PIIGS

O Brasil não é só o país com a maior população católica do mundo, como simbolicamente é o único que integra o grupo dos maiores países emergentes dos BRICs (Brasil, Rússia, Índia e China). O dado comum aos países submergentes do chamado grupo dos PIIGS (Portugal, Irlanda, Itália, Grécia e Espanha) é o catolicismo. Como reflexo do estado da economia, em Madri, ocorreu uma série de protestos contra os custos da jornada. Se Max Weber fosse vivo, veria na crise econômica atual uma confirmação de sua tese sobre a ética protestante e o espírito do capitalismo publicada 106 anos atrás.

Será o Brasil exceção à tese weberiana? Os estados mais católicos brasileiros são os nordestinos, com 74,9% de sua população. Esses estados estão crescendo mais forte que os demais. De 2001 a 2009, a renda do Nordeste cresceu 41,8% contra 15,8% no Sudeste, a região menos católica com 64,3% de sua população. De 2001 a 2008, a capital brasileira onde a renda cresceu mais foi Teresina, com 56,2%, e entre as periferias das grandes metrópoles, isto é, contando todos os municípios da metrópole menos a capital, onde a renda cresceu mais foi na periferia da Grande Fortaleza. Em suas respectivas categorias geográficas, isto é, capital dos estados e periferia metropolitana, estas são as mais católicas do país com 80,7% e 74,3%, respectivamente. O

O Brasil irá, em algum tempo, ultrapassar a França para se tornar o maior PIB predominantemente católico do mundo

que se adapta à tese de Weber é o crescimento dos protestantes tradicionais nessa fase de *boom* econômico como nos idos da Revolução Industrial europeia.

A maior economia católica do mundo, a França, passou recentemente por um ataque especulativo na origem da instabilidade financeira recente. O Brasil irá, em algum tempo, ultrapassar a França para se tornar também o maior PIB predominantemente católico do mundo. Agora, para que a renda nas mãos dos católicos suba ao topo, a economia vai ter de andar mais rápido do que a queda do catolicismo no país.

Marcelo Neri — Centro de Políticas Sociais e Escola de Pós-Graduação em Economia da FGV
(mcneri@fgv.br e www.fgv.br/cps)